

Alfabetto: Autobiografia Escolar de Frei Betto¹

Gilse H. M. Fortes

Quem não tem presente em suas memórias as *façanhas* de sua trajetória escolar? Em *Alfabetto: autobiografia escolar* (Ática, 2002), frei Betto faz uma honesta descrição, recheada das melhores e das piores emoções, de sua trajetória de formação. Dividido em sete partes, a memória remonta os tempos de *Jardim da infância, do Grupo Escolar, do Ginásio, do Colegial, da Universidade, da Escola de Fé* e, por fim, fecha com uma bela crônica sobre o vôo da água. Dessa forma, o livro termina quando a opção pela vida religiosa se solidifica.

Mas quem pensa que vai encontrar aí apenas a trajetória escolar, se engana. Betto elabora essa autobiografia escolar como memórias de formação. Dedicase a personagens tão díspares e, ao mesmo tempo, formadores como o reitor de um ginásio católico padre Graziel e seu Romo, vigia noturno, e a vivências diferenciadas como a exposição sobre Musset em uma aula de Francês e ao mundo da militância estudantil. Percebemos ao longo do livro o significado e sentido que *escola* tem para ele, que escreveu com Paulo Freire, em 1988, *Essa escola chamada vida*.

Com texto ágil, Betto parece demonstrar que eram verdadeiras as percepções de alguns mestres seus do grupo escolar - quando foi elogiado aos oito anos por ser ele mesmo que escrevia suas composições - e quando, aos 11 anos, o padre Boaventura, avesso ao ensino frio de regras gramaticais mas incentivador da leitura e curiosidade juvenil, sentenciou em uma saída de aula: - *Carlos, você só não será escritor se não quiser*. A qualidade literária do texto de frei Betto perpassa todo o livro, que pode ser lido como uma coleção de 69 crônicas e contos sobre o universo de formação e uma crônica final de reflexão retrospectiva. Além da qualidade literária, destaca-se a capacidade de inter-relacionar o contexto político-social e familiar às vivências da escola e singulares das idades.

Dessa forma, revivemos os anos 50 com suas memórias do *Jardim da Infância Grupo Escolar*. Nas vivências de formação dessas fases, aparecem as diferenças de classe existentes (capítulo *Vísceras*, em que revela os *conteúdos* das merendas escolares); salientam-se as diferentes concepções de educação infantil encarnadas nas professoras Ruth e Celeste; as contradições família-escola em relação à literatura infantil, às questões

¹ Resenha escrita para a disciplina *Educação e cultura escolar: análise de discursos e práticas educativas* – Profa. Dra. Maria Helena Câmara Bastos.

religiosas, políticas (cômico capítulo *JK*), etc.; as interrogações e medos da idade e suas experiências em grupo; as formas de apropriação das crianças da realidade da época, principalmente, no que se refere aos judeus, facistas, racismo, comunistas, e, claro, à morte de Getúlio Vargas. Outra situação curiosa é a catequese, pois foi nessa experiência que teve seu gosto despertado para o cinema - quem assistisse às aulas teria direito a uma sessão de cinema.

A escola pública desses anos iniciais foi substituída por um *Ginásio* católico. Aí as contradições sociais eram menos visíveis, pois era um colégio para forjar uma casta masculina branca dentro de uma espírito de refinamento e dirigente. Nessa parte, Betto desvela as injustiças percebidas no cotidiano extremamente *disciplinar* da escola e os exercícios de transgressão dos estudantes. É nessa fase de sua vida que ingressa, quase por acaso e a partir de sua relação com amigos da rua, na Juventude Estudantil Católica. Mostra o processo de formação militante da época, seus medos, ações nesse início da adolescência. De quebra, vão surgindo também outros personagens, hoje conhecidos por todos nós, como Henfil, Betinho, etc.

No *Colegial*, em seu primeiro ano é expulso de uma escola particular e torna-se um estudante noturno de uma escola pública municipal. É início dos anos 60. Acontecimentos como a visita de Chê Guevara ao Brasil, a legalidade, a atuação da JEC e da JUC na educação popular, o debate ensino público / privado, a criação da Ação Popular são narrados pelos olhos desse militante em formação. Ao mesmo tempo, cabem lembranças internas da escola, a primeira reprovação, etc. Nessa fase, há uma grande virada geográfica e cultural em sua vida, pois, como dirigente da JEC, muda-se para o Rio de Janeiro. Lá, o processo de morar em república, a efervescência cultural e política daqueles anos são mostradas com a intensidade de quem viveu.

Seu início na *Universidade*, como estudante de jornalismo contém ainda o tom irreverente da juventude da época. Devido à sua militância, o golpe militar foi visto de Belém do Pará. Nessa narrativa, expõe as tensões internas da igreja católica da época. É nesse tempo, após prisões, que sua já latente vontade de seguir a vida religiosa se estabelece. Esse processo de afirmação, negação e reafirmação dessa opção, dentro de um convento dominicano, é contado em *Escola de Fé*.

Com o *Vôo da águia*, frei Betto encerra essas suas memórias reafirmando o que vimos ao longo de sua trajetória, ou seja, a necessidade de transformação pessoal por um processo que passa também pela autocrítica.

Assim, mesclando contexto histórico, dimensão pessoal, culturas escolares e formativas vividas, o livro nos brinda com a auto-reflexão, salientando o quanto podemos ser e o quanto podemos fazer com o que tentam fazer de nós.

Gilse H. M. Fortes é Doutoranda em Educação PUC-RS.